

Quem lê este título, poderá pensar que o presente artigo irá recomendar uma ação reprovável. Com efeito, o seu propósito é isto mesmo: recomendará a leitura das obras de Schopenhauer. Se o leitor incaute julgar que isto, afinal, não é crime, que suspenda o seu juízo até o final de meu argumento. Não pretendo apresentar um ensaio erudito sobre o pensamento schopenhaueriano, baseado sobre críticas exaustivas das suas fontes ocidentais e indianas, nem uma análise objetiva dos efeitos de Schopenhauer nas diversas correntes do pensamento da atualidade. O que pretendo comunicar é a curiosa sensação de vertigem que se apodera de quem, como eu, medita em torno desse conjunto de argumentos, intuições e palpites fora de contexto acadêmico, no qual a tradição filosófica coloca Schopenhauer, erroneamente, conforme creio. As minhas meditações não eram inteiramente gratuitas, tinham meta. Procuravam repensar os pensamentos que se escondem nos termos "Verstellung" (representação) e "grundlos" (sem causa). A vertigem dos abismos e dos bastidores em recuo é, no entanto, um efeito de todo o pensamento schopenhaueriano. E quanto mais a gente se esforça por cercá-lo e capturá-lo, tanto mais ele se safá. A gente fica apenas com a "verdade". Essa caça de uma miragem é suficientemente divertida para tentar seduzir outros a experimentá-la. Isto é o propósito deste artigo.

Permitam que lhes exponha um esboço daquilo que compreendi desse pensamento. Tudo que posso conhecer, (meu mundo portanto), é meu objeto e eu sou seu sujeito. O que quer dizer: "meu objeto?" Existe para mim, é meu, é minha imaginação. Portanto: o mundo é imaginação ("Verstellung"). Mas não é só imaginação. Como posso saber que o mundo é algo mais que imaginário? Por analogia com o que sei de mim mesmo. Eu me conheço como corpo. Como tal faço parte do mundo imaginário, porque meu corpo é uma impressão ("Verstellung") minha. Mas eu também sei de mim imediatamente e intimamente. Chamarei aquilo que sei de mim intimamente de "verdade". Portanto: meu corpo é minha verdade objetivada, e minha verdade é a essência de meu corpo. Por analogia deve concluir que todos os objetos são essencialmente idênticos, isto é essencialmente como meu corpo. Portanto: todos os objetos são verdade objetivada, e a verdade é a essência de todos os corpos. A força que propulsiona o meu mundo é a verdade, tanto nos animais como nas plantas, tanto nos processos químicos como na gravitação e no "electromagnetismo". Essa verdade é uma e indivisível, e se os objetos se apresentam ("verstellen") de maneira múltipla, isto não passa de tapeação ("Verstellung"). Como conseguem os objetos enganar-me desta maneira? Porque eles se colocam entre mim e a verdade, eles se "verstellen", e tapam a minha visão da verdade. Fazem-no introduzindo entre mim e a verdade o tempo, o espaço, e a causalidade. Nesses três bastidores passa-se aquele teatro ("Verstellung") que, para o meu conhecimento, é a representação ("Verstellung") da verdade.

a vontade

VILÉM FLUSSER

Nessa peça teatral que é o meu mundo se disfarça em multiplicidade pelo "principium individuationis". Os objetos aparecem ordenados entre si segundo espaço, tempo e causalidade, e é essa peça teatral que as ciências estudam. Deixam-se tapear por aquilo que tapa a vontade. Mas a vontade, essa "coisa em si", está além de tempo e de espaço, e não tem causa, é "grundlos". Talvez não tenha motivo, é "grundlos". Nem fundamento tem, é "grundlos". Simplesmente é. Como é a vontade? Ela tende, e tende sem ter meta. A vontade simplesmente quer (se esta afirmativa já não é plenismo). Portanto: nunca poderá ser satisfeita, já que nenhuma meta pode acabar com o querer da vontade. A falta de satisfação é sofrimento. A vontade é sofrimento. A essência do mundo é sofrimento. E preciso combater o sofrimento, é preciso negar a vontade, é preciso acabar com o mundo. Como? Negando o "principium individuationis", não se deixando enganar pela representação, e passando, assim, para o nada (Nirvana).

Como sei de tudo isto que acabe de dizer a respeito da vontade? Pela arte. A arte, ao contrário da ciência, representa ("vorstellt") diretamente a vontade graças a sua imaginação ("Vorstellung"), e o faz de diversas maneiras. A poesia e as artes plásticas representam as ideias ("Vorstellungen") do "principium individuationis". A música não representa ideias, não é portanto uma representação da representação, mas a música representa diretamente a vontade objetivada. É graças a arte em geral, a música em particular, e graças à introspecção, que sabemos o que sabemos a respeito da vontade. Este é, com poucas palavras, o "Mundo como vontade e como representação" schopenhaueriano.

Espero que o leitor ficou tão tonto quanto eu nesse teatro sobre o teatro sobre o teatro sobre o teatro. E que pisou tão trêmulamente como eu sobre o chão da vontade tão multiplamente sem fundo. E em alemão o caso é ainda mais desesperadamente engraçado. Em português pude pelo menos traduzir os termos "Vorstellung" e "grundlos" com palavras variadas. Em alemão estes termos giram em redor de si mesmos. Por quê então, perguntará o leitor, entrar nessa roda gigante que é Schopenhauer? Simplesmente porque, num dado estágio das nossas meditações, todos nós caímos nessa roda, tenhamos ou não lido Schopenhauer. Mais cedo ou mais tarde descobrimos, todos nós, que somos uns tapados, e que o mundo nos tapeia. Não creio, no entanto, que precisemos desesperar e cair no extremo de querer acabar com o mundo. A leitura de Schopenhauer ajuda "malgré lui", conforme creio, o nosso esforço de quebrar o círculo viciosamente encantado. Permitam que continue desenvolvendo o seu pensamento por minha própria conta.

O meu acesso mais direto da vontade é a música, já que ela é a vontade objetivada. Por quê é ela isto? Porque não representa ideias. A pintura e a poesia, estas sim, representam "ideias", porque copiam objetos. Bem enten-

VILÉM FLUSSER

didô: copiam as ideias dentro dos objetos, isto é o seu "principium individuationis". Mas a música nada tem a ver com os objetos, diz respeito tão somente à vontade. Assim, pelo menos, deveria ter parecido a arte na época de Schopenhauer. Mas hoje? A pintura abstrata, a poesia concreta certamente não copiam objetos? Sabe portanto, tanto quanto a música, "vontade objetivada". Evidentemente não copiam objetos, mas, igualmente evidentemente, criam objetos. Não será portanto a arte o próprio "principium individuationis"? Mas com esta pergunta periclita todo o edifício schopenhaueriano. Pressigamos com que ela insinua.

A arte é, portanto e toda ela potencialmente, a "vontade objetivada", e quiçá um aspecto de "principium individuationis", enquanto criadora de objetos. Em que se distingue a arte da ciência? A ciência contempla os objetos dentro do tempo e do espaço, seguindo a regra da causalidade, e a arte ou representa as ideias dentro dos objetos, (ponto de vista já refutado por nós), ou é a "vontade objetivada" (ponto de vista aceite por nós para os fins deste argumento). Assim na época de Schopenhauer. E hoje? Será que a ciência continua ainda presa da representação? Tempo, espaço e causalidade periclitam, como sabemos, nas especulações científicas, e eles são os bastidores da representação segundo Schopenhauer. Mas isto não é tudo. O que são os "mens", os "gens", os "complexos", a não ser objetos criados pela ciência? Não, a ciência não contempla objetos dentro dos seus bastidores, ela pelo menos cria os bastidores, senão os próprios objetos. Ela é pelo menos uma representação de "ideias", senão "vontade objetivada". A sua posição ontológica é idêntica à da arte. O que distingue a ciência da arte é o seu método, ou, mais exatamente: a sua linguagem. Portanto: ciência e arte são "vontade objetivada" e, quiçá, o "principium individuationis" (enquanto criadoras de objetos).

O que são, afinal, ciência e arte? Disciplinas do intelecto. Outras disciplinas existem, por exemplo a religião e a magia. Todas elas são intimamente interligadas e equivalentes ontologicamente: a saber, são "vontade objetivada" e, enquanto criadoras de objetos, o "principium individuationis". Podemos portanto simplificar Schopenhauer. Em vez de "vontade objetivada" e em vez de "principium individuationis" podemos dizer "intelecto". E a natureza, esse mundo ilusório e imaginário "por excelência" de Schopenhauer, esse palco principal de teatro, como interpreta-la? Como sabemos dela? Schopenhauer o diz: conhecendo, isto é pelo intelecto. Ah, então, o argumento gira 180 graus e diz o seguinte: a natureza é o conjunto de objetos criados pelo "principium individuationis", isto é pelo esforço criador do intelecto. Ela é ontologicamente inferior ao intelecto. Em outras palavras: a natureza é o que é, porque assim foi articulada pelo intelecto.

Neste instante impõe-se uma pausa no curso do argumento. Porque surge uma pergunta inteiramente nova: qual é, então, a relação entre natureza e vontade?

VILÉM FLUSSER

Superada a pausa por uma meditação um tanto penosa, reformulamos toda a cosmevisão Schopenhaueriana. A natureza tem dois aspectos: enquanto inarticulada, enquanto matéria prima de intelecto, ela é justamente aquilo que Schopenhauer chama de "vontade". E enquanto articulada, enquanto obra de intelecto, ela é a representação da vontade. O "Mundo como vontade e como representação" é o mundo da natureza nos seus dois aspectos. E entre esses dois aspectos se interpõe o intelecto, essa "vontade objetivada" e esse "principium individuationis".

É possível, afinal das contas, que Schopenhauer concordaria com este tipo de argumento. Por sorte, já morreu e ninguém pedirá refutar-me nessa afirmativa. Mas se, como espírito ou como espectro, concordar com este argumento, de verá por força modificar radicalmente a sua ética pessimista. Quem é aquele que nos tapeia? O nosso intelecto. E o que é aquilo que nos tapa? O nosso intelecto. E esse intelecto é a vontade objetivada. Mas dizer que intelecto é a vontade objetivada, é dizer que vontade é o intelecto subjetivado. É a vontade pura e simples que nos tapeia e que nos tapa. Mas esta afirmativa é, de ponto de vista schopenhaueriano, um puro "nonsense". A representação nos tapeia, porque não nos deixa ver a vontade. Ela nos tapa a visão da vontade. A vontade, ela mesma, não pode tapear-se a si mesma, nem tapar a visão de si mesma. A ontologia schopenhaueriana está, neste argumento, ruindo em todos os cantos e em todos os seus suportes, e enterra, na sua ruína, toda a sua ética pessimista. Porque agora posso dizer o seguinte: a vontade quer, isto é verdade, mas ela tem uma meta: ela quer articular-se, ela quer objetivar-se, ela quer ser intelecto. A vontade é o vir-a-ser do intelecto. Ela quer ininterruptamente, ela nunca é satisfeita, isto é verdade, mas ela não é somente sofrimento. No momento de sua objetivização, no momento de sua intelectualização, ela deixa de ser sofrimento. Não direi que o intelecto é a felicidade, mas direi que ele é a satisfação parcial da vontade, na medida em que nele a vontade se articula. Não é portanto acabando com o princípio da individuação que superaremos o sofrimento, mas é pela intensificação desse princípio que diminuiremos o sofrimento. Não é aniquilando o mundo que nós nos salvaremos, mas é pela intelectualização do mundo, pela realização do mundo como representação, que nós nos tornaremos pelo menos parcialmente imortalizados.

Schopenhauer está agora de pés para cima e cabeça para baixo. Mas ninguém me convencerá que mesmo nessa posição tão indigna de um filósofo ele simpatiza mais com este argumento que com os seus pretensos seguidores que glorificam a vontade. A nossa vantagem contra ele é que vivemos mais tarde. Com a sabedoria de profetas para traz completamos o seu pensamento. Assim completado ele pedirá ser nosso guia, a iluminar-nos o caminho. Podemos continuar tapados e tapeados, mas em sentido diferente." Rest, rest, dear spirit".